

A TEORIA NO MITO NA FILOSOFIA DE AFONSO BOTELHO

António Braz TEIXEIRA

RESUMO

O autor trata de mostrar que a teoria do mito em Afonso Botelho evidencia as relações entre a consciência mítica e a reflexiva, sendo que ambas procuram o mesmo objetivo: a estruturação do ser. Mito e metafísica convergem, pois, num pensamento ontológico cujo tema mais importante é a meditação sobre a saudade.

RÉSUMÉ

L'auteur essaye de montrer que la théorie du mythe chez Afonso Botelho met en relief les relations entre la conscience mythique et la conscience réflexive; toutes les deux recherchent le même but: l'estructuration de l'être. Mythe et métaphysique s'accordent, donc, dans une pensée ontologique dont l'horizon majeur est la méditation sur la nostalgie.

Se bem que, desde Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) e Pedro de Amorim Viana (1822-1901), a consideração filosófica da religião viesse sendo objecto de especial atenção especulativa por parte dos nossos mais destacados pensadores, só no início da década de 80, com Teófilo Braga (1843-1924) e Oliveira Martins (1845-1894), surgiram as primeiras tentativas de teorização do mito e das suas relações com o fenómeno religioso, acompanhadas das valiosas e pioneiras investigações de natureza etnológica sobre o mesmo tema, empreendidas pelo próprio Teófilo, por Consiglieri Pedroso (1851-1910) e, principalmente, por José Leite de Vasconcelos (1858-1941).

Os estreitos e insuficientes pressupostos teóricos de que ambos partiram não permitiram, porém, que as tentativas de Teófilo Braga de determinar as *Origens Poéticas do Cristianismo* (1880) e os esforços de Oliveira Martins para formular o *Sistema dos Mitos Religiosos* (1882) lograssem surpreender a mais íntima natureza do mito e captar a essência do fenómeno religioso nem superar uma perspectiva

limitadamente histórico-sociológica ou uma sua consideração meramente etnológica e ascender àquele exigente plano interrogativo próprio da razão especulativa.

É inegável que, na geração seguinte, Basílio Teles (1856-1923), Sampaio Bruno (1857-1915) e Ferreira Deusdado (1858-1918), no modo filosoficamente mais consistente como consideraram a religiosidade e encararam o mito, quer em sua raiz grega quer na sua mais característica expressão nacional, representam um considerável avanço na compreensão destas profundas realidades espirituais; no entanto, unicamente com os promotores do movimento da "Renascença Portuguesa", em especial Leonardo Coimbra (1883-1936), Teixeira de Pascoaes (1877-1951), Teixeira Rego (1881-1934) e Aarão de Lacerda (1890-1947) e os dissidentes modernistas do "Orpheu", Fernando Pessoa (1888-1935) e Almada Negreiros (1892-1970), se efetuou uma perscrutação

do primordial significado sófico e pístico do mito e este encontrou, entre nós, a sua primeira e adequada teorização filosófica.

A lição dos filósofos "renascentes" foi retomada nas duas gerações seguintes, por pensadores como José Marinho (1904-1975), Eudoro de Sousa (1911-1987), Francisco da Cunha Leão (1907-1974), António Quadros (1923-1993), Afonso Botelho (1919-1996), Dalila Pereira da Costa (n. 1918) e António Telmo (n. 1927), que procuraram desenvolver, completar e aprofundar as análises e intuições daqueles mestres acerca do mito e refletir sobre a especificidade e o mais recôndito sentido das "linhas míticas" que percorrem e explicam a história portuguesa.

Concentrando, por agora, a nossa atenção na teoria do mito de Afonso Botelho, cumpre advertir, desde logo, que, na sua obra especulativa, o mito veio adquirindo crescente importância a partir do início dos anos 80, quer como objecto de atenta e recorrente reflexão teórica, quer como elemento decisivo da compreensão da mais íntima realidade espiritual da Pátria portuguesa, quer, ainda, como aspecto fundamental da sua longamente elaborada teorização da saudade.

Enquanto a consideração filosófica do mito levada a cabo pelo seu companheiro e amigo fraterno António Quadros, referindo-se, embora, à teoria do mito formulada por José Marinho, se apoiava, fundamentalmente, nas concepções de Jung e Mircea Eliade, a teoria do mito que Afonso Botelho deixou esboçada em alguns dos ensaios reunidos nos livros *Da Saudade ao Saudosismo* (1990) e *Saudade, regresso à Origem* (1997), não deixando de ter em conta a obra do pensador romeno e as profundas reflexões de José Marinho e Eudoro de Sousa, não só recusa a visão jungiana, como se aventura por outros e diversos caminhos, em alguns aspectos convergentes com os apontados pela obra visionária e mística de Dalila Pereira da Costa.

Inicia o autor da *Teoria do Amor e da Morte* a sua investigação filosófica sobre o mito considerando o problema da sua realidade e do seu valor, reflexão que se lhe afigura imperiosa e indispensável, dado que, em seu entender, a opinião, fundada no criticismo sergiano, que é ainda preponderante na nossa cultura, afirma, sem equívocos, que o mito, além de carecer de realidade ou consistência real, é o responsável tanto

pelos erros fundamentais na apreensão da Verdade como pelas principais frustrações da nossa história.¹

Quanto ao primeiro problema, recorda o subtil filosófico não ser próprio do pensamento, em si, repudiar ou desconhecer a realidade do mito, pois se é possível procurar explicá-lo através da psicologia, radicando-o no inconsciente, ou considerando, antes de mais, a sua fonte religiosa, se pode conceder-lhe maior ou menor relevância no plano do conhecimento, é, contudo, impossível ignorá-lo, assim como é vã toda a tentativa de pseudo *dismitificação*, entendida como acção purificadora do pensamento. Na verdade, como não deixa de advertir Afonso Botelho, essa pretensa purificação, de raiz crítica ou criticista, não logra nunca afastar as condicionantes do mito, porquanto unicamente à ontologia e à unidade do ser, situadas para além do mero juízo crítico e separativo, é dado realizar a união dos caminhos que, no pensamento mítico, separam o sagrado do profano, o mundo humano do reino dos deuses.²

Para o filósofo de *O poder Real*, que, neste ponto, aceita as conclusões de Mircea Eliade sobre a estrutura mítica, o mito tem natureza sagrada e verdadeira, apresenta-se como uma dádiva do conhecimento da origem e faz sempre apelo ao tempo primordial. Sendo, pois, a origem a fonte de que brotam todos os mitos, a sua substância está e decorre num tempo que é eterno presente e que, não sendo histórico, supera o tempo histórico. Daí a possibilidade, que só o mito possui, de se recuperar no tempo.³

Tendo embora a natureza de uma narrativa, o mito não se encontra sujeito às determinações do tempo, é uma realidade que só se completa e encontra a sua essência no movimento de regresso do pensamento. Deste modo, de toda a verdadeira narrativa mítica é elemento constitutivo essencial um movimento de recuperação ou de regresso à origem de que, como vimos, promana todo o conhecimento mítico. Implicando, sempre, como seu elemento definidor, um movimento de regresso à origem, o mito envolve, também, sempre e necessariamente, a recordação do paraíso terreno e o desejo de o recuperar.⁴

Assim, de acordo com o pensamento de Afonso Botelho, o mito poderá definir-se como "um drama divino que se repete ou representa segundo o tempo actualizável do teatro e não segundo o tempo irreversível da História"⁵, ou como "uma história com regresso".⁶

Por sua natureza, o mito envolve sempre a transcensão do tempo real no sentido das origens, transcensão pela qual se recupera a energia do acto e se representa ou de novo e de cada vez nos é presente ou se nos patenteia a sua face essencial.⁷

Por outro lado, o mito, enquanto implica a recordação do paraíso terreno e o desejo de o recuperar, vem a conter em si, como seu elemento essencial, a lembrança e o desejo que constitutivamente são a própria essência da saudade. Daí que seja legítimo pensar que a saudade constitui a verdadeira substância do mito.⁸

Não se esquece o atento filósofo de advertir, a este respeito, que o regresso próprio do saber mítico é aquele que surge necessitado, mais radical e universalmente, no duplo e complementar movimento de trânsito e recurso em que, de acordo com a profunda teorização de José Marinho⁹, se decompõe o enigma, que fundamenta e impulsiona todo o saber.¹⁰

Cabe concluir, então, que, em sua essência, o verdadeiro mito é sempre e só *omito da origem*, ainda que múltiplas e diversas sejam as formas que tenha revestido e por mais oculto que se apresente na "misteriosa cosmogonia e na abscondita teogonia"¹¹

Esta a razão por que o filósofo, acolhendo aqui, expressamente, a lição de Eudoro de Sousa, pensava que "o mito tem o seu lugar na profundidade que se manteve, para além do limiar do pensamento". A antevisão desta profundidade, situada "para além do limiar do pensamento", do mesmo passo que não carece de se fundar no pensamento ontológico, é a substância de uma ontologia sem ontos, mas que nos é, no entanto, presente por via daquela memória sentida ou desejada que é, também, essencial elemento do sentimento saudoso.¹²

Desta radicação principal do mito decorre não poder constituir-se a absoluta realidade mítica sem que dela haja verdadeira revelação, pois ao homem só é dado aceder ao mistério através do conhecimento revelado, isto é, do conhecimento duplamente velado, antes e depois de haver sido dito. O que equivale, então, a considerar que o conteúdo do mito apenas nos é acessível por uma visão dos estádios do conhecimento que englobe o mito e o mistério, já que o mito é iniciação no mistério.¹³

É por isso que, sendo embora distintos mistério e mito, a mesma narrativa pode servir de suporte a ambos, diferenciando-se, contudo, nos diversos modos

de religar um e outro à entidade divina que os funda. Efetivamente, a narrativa da origem, que é o modelo de todos os autênticos mitos, enquanto mito da "revelação primordial", levou o humanismo renascentista a uma religião universalista e trans-histórica e acabou por abrir caminho às ideologias de teor naturalista de oitocentos, ao passo que o mistério da origem, da revelação cristã, em quaisquer circunstâncias históricas, sempre encontra o Deus, uno, absoluto e transcendente.¹⁴

O filósofo recém-desaparecido reconhecia, como António Quadros¹⁵, que o mito, entendido como biografia divina, foi decisivamente posto em causa pelo Cristianismo, pois, para este, Deus revela-se-nos, directamente, através do mistério ou, indirectamente, pela sua presença espiritual, onde e como quer, mas sempre de modo a aumentar a inteligência do homem, solitário ou em comunidade.

Daqui resulta, então, segundo o penetrante entendimento de Afonso Botelho, que o mito tem a possibilidade de ser fundado pela inteligência teórico-sentimental do homem, desde que assistida pela revelação divina, não obstante vir depois a ser conservado, modificado e ampliado pelo rito de um povo.¹⁶

O entender a revelação como condição essencial da realidade mítica conduz Afonso Botelho a recusar e a pôr em causa as doutrinas que pretendem fazer do inconsciente a origem ou o receptáculo do mito. Com efeito, considerava o filósofo que estamos recordando que, se é verdade que a origem real dos mitos deve ser penumbrosa, para proteger a presença divina por eles assinalada, não pode ela, de modo algum, procurar-se no vácuo caótico do inconsciente, de que dimanam poderosos e desconhecidos fantasmas, mas que não tem a faculdade de dar ao homem a unidade e a harmonia próprias do ser divino nem de religar Deus à humanidade.

Assim, segundo o pensamento do autor de *Estética e Enigmática dos Paineis*, que, neste ponto, claramente se aparta da teorização desenvolvida por António Quadros, no ensaio *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista* (1982-83), com a qual, aliás, apresenta assinaláveis afinidades, a origem do mito encontrar-se-ia no sonho e não no inconsciente, ainda que entendido à maneira jungiana, reconhecidamente mais rica e mais profunda do que a de Freud.

Através desta conceptualização, que aproxima, significativamente, a sua teoria do mito da visão apresentada na obra de Dalila Pereira da Costa, em especial no admirável e luminoso livro *Os Sonhos, Porta de Conhecimento* (1991), o nosso último grande representante da filosofia da saudade não só procura evitar que o mito se perca no caos do inconsciente, tornando-se, por esta via, alheio ou adverso à razão, como afirma, pelo contrário, que ele carece da sua própria razão e de um juízo adequado. Procurando caracterizar uma e outro, servindo-se de noções pensadas e desenvolvidas pelo seu mestre José Marinho, Afonso Botelho dirá ser a *razão mítica* a que reconhece o *implícito do mito e o juízo tácito* o que a ela verdadeiramente se adequa, notando que, enquanto a alma popular, ao receber a narrativa mítica, lhe confere a implicitude que a natureza do mito necessita, a inteligência individual, ao actualizá-la pela interpretação, descobre a razão que lhe é própria e nela habita.¹⁷

Esta natureza da razão mítica e do juízo que lhe é próprio explicaria, segundo o modo de pensar do esclarecido hermeneuta da obra filosófica do Rei D. Duarte, que, sendo embora o mito uno e completo, dele mantém três fontes ou três vias de conhecimento, de distinto nível, mas que, em cruzamentos subtis, permanentemente se misturam entre si: a do saber tradicional, acessível à generalidade dos membros de um povo, a do conhecimento filosófico, que sempre envolve uma iniciação, e a da religião, que se dirige aos fiéis e para eles apela.¹⁸

Para Afonso Botelho, estas três fontes de conhecimento que brotam do mito explicariam a dupla função que este desempenha. Com efeito, por um lado, confere ao pensamento lógico aquela relação arcaica e primordial que a verdade necessita, alimentando e suscitando o movimento de trânsito e recurso que é o fundamento e o impulso de todo o saber e, por outro, firma a unidade de uma cultura¹⁹, como, na sendo aberta por Vicente Ferreira da Silva (1919-1963)²⁰, o tem procurado mostrar o seu discípulo Adolpho Crippa (n. 1929)²¹

A estas duas diferentes funções da narrativa mítica correspondem duas espécies também distintas de mitos, os que o filósofo designa por *mitos fundantes* e aqueles que considera *mitos firmantes*.

Os primeiros, apesar de se apresentarem sob inúmeras formas ou através de muito diversas

narrativas, reduzem-se a um único mito, o *mito da origem*. Pela sua universalidade, fundam todos os outros mitos que se integram na originalidade de uma cultura nacional, sendo a matriz ou a base da unidade cultural de uma pátria, firmando-a, os quais constituem, por isso, o que o filósofo denomina *mitos firmantes*.²²

Foi com base neste conceito e nesta distinção entre duas espécies de mitos que Afonso Botelho abordou o estudo dos mitos portugueses, distinguindo, por um lado, aquele que considerava o mito fundante, por mais próximo da cosmogonia original, porque, consubstanciando embora a natureza histórica do povo português, nos seus efeitos se reveste da universalidade própria deste primeiro tipo de mitos e, por outro, os que tinha por firmantes da identidade cultural e religiosa de Portugal.

Assim, na hermenêutica do inspirado pensador, mito fundante seria o da *Ilha dos Amores*, poeticamente descrita por Camões nos dois derradeiros cantos de *Os Lusíadas*, representando aquela "a imagem e o nome do paraíso terreno, depois que Portugal definiu a sua principal missão no mundo", e significando que à viagem existencial de cada homem esse mesmo paraíso se anuncia, ao mesmo tempo que define o regresso de uma viagem de natureza espiritual que, sendo de portugueses, é, igualmente, de todos os homens. O mesmo é dizer que, neste primeiro mito português e universal, se afirma ou revela que, sendo regressiva, a viagem que nele se narra tem por princípio e termo de perfeição a posse do paraíso. Por seu turno, em sua dimensão cosmogónica, este mito refere-se a um cosmos criado e constituído pelo Espírito, que, sendo homogêneo, iniciou e inicia os navegantes que nele viajam, do mesmo passo que redimiou todos os elementos naturais e subnaturais e todos os seres solidários dessa cosmogonia, fazendo-os renascer com uma nova imagem, inversa da que anteriormente era a sua.²³

Mas, enquanto o primeiro e fundante mito português é constituído de *amor*, é da *saudade* que, segundo a interpretação de Afonso Botelho, transcorrem os dois essenciais mitos firmantes da nossa identidade cultural e religiosa - o do regresso ao *Paraíso e da sobrevivência do amor* - sem prejuízo, porém, da sua universalidade, pois afectam todo o homem, representando ambos o "antídoto existencial da morte".

Se foi obra de Camões o dar corpo e voz ao mito cosmogónico do amor, coube a Teixeira de

Pascoas conferir à saudade a escatologia requerida pela sua essência ontológica e a António Patrício revelar o reino do amor humano divinizado, que abrange a morte e a sua natureza misteriosa e a supera pela saudade, libertando o amor para a perpetuidade da lembrança.²⁴

Mito síntese destes três, o *mito sebástico*, ao apresentar-se como "deicídio original" na pessoa do Rei Encoberto, reveste a natureza de mito fundante da origem, conferindo aos dois mitos firmantes a sua virtualidade arcaica. Como mito síntese, simultaneamente fundante e firmante, surge, como *Ilha dos amores*, na forma de *ilha encantada*, como mito *saudoso*, de uma saudade prospectiva, profética e messiânica e como *mito de sobrevivência* da própria Pátria e do que constitui a sua essencial substância sentimental, axiológica e espiritual.²⁵

O modo como Afonso Botelho conceptualiza o mito e interpreta os essenciais mitos portugueses confirma a sua asserção sobre a impossibilidade de distinguir, absolutamente, a consciência mítica da consciência reflexiva, por, apesar de serem diversas as perspectivas de uma e de outra, terem ambas o mesmo sentido estruturante do ser, unindo-se, assim, mitologia e metafísica na descoberta da essência que funda todo o pensamento ontológico, do mesmo passo que permite compreender as profundas razões por que, no seu pensamento filosófico, a teoria do mito e

a ontologia da saudade reciprocamente se exigem e mutuamente se completam.²⁶

NOTAS

- (1) *Da Saudade ao Saudosismo*, Lisboa, 1990, p. 121.
- (2) *Ob. cit.*, p. 123.
- (3) *Da Saudade ao Saudosismo*, p. 175; *Saudade, regresso à Origem*, Lisboa, 1997, pp. 108-110, 115 e 151.
- (4) *Da Saudade ao Saudosismo*, pp. 127 e 178 e *Saudade, regresso à Origem*, pp. 110, 126 e 147.
- (5) *Perspectiva teórica das Descobertas*, Lisboa, 1991, p. 11.
- (6) *Da Saudade ao Saudosismo*, p. 124.
- (7) *Ob. cit.*, pp. 204-205.
- (8) *Saudade, regresso à Origem*, p. 152.
- (9) *Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa, 1961, pp. 35 e segts.
- (10) *Da Saudade ao Saudosismo*, pp. 126-127.
- (11) *Saudade, regresso à Origem*, p. 107.
- (12) *Ob. cit.*, pp. 107 e 109.
- (13) *Da Saudade ao Saudosismo*, pp. 126-127 e 176-177.
- (14) *Saudade, regresso à Origem*, p. 142.
- (15) *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, vol. II, Lisboa, 1983, p. 122-123.
- (16) *Saudade, regresso à Origem*, p. 146.
- (17) *Ob. cit.*, pp. 145-147.
- (18) *Da Saudade ao Saudosismo*, p. 185.
- (19) *Saudade, regresso à Origem*, p. 107.
- (20) *Obras Completas*, vol. I, São Paulo, 1964, pp. 299 e segts.
- (21) *Mito e Cultura*, São Paulo, 1975 e *A idéia de Cultura em Vicente Ferreira da Silva*, São Paulo, 1984.
- (22) *Saudade, regresso à Origem*, pp. 107-109.
- (23) *Ob. cit.*, pp. 110-112.
- (24) *Ob. cit.*, p. 112-118 e 131 e segts. e *Da Saudade ao Saudosismo*, pp. 175 e segts.
- (25) *Saudade, regresso à Origem*, pp. 118-120 e *Da Saudade ao Saudosismo*, pp. 121 e segts.
- (26) *Cfr. Teoria do Amor e da Morte*, Lisboa, 1996, p. 146.